

UM NOVO MERCOSUL?

Roberto Rodrigues*

Reuniões e reuniões se sucedem entre lideranças privadas e governos dos países do Mercosul com o objetivo de melhorar a harmonização das políticas macroeconômicas e setoriais que permita um trabalho mais articulado do "bloco" frente a terceiros mercados.

Mais recentemente, com as mudanças nos governos da Argentina e do Brasil, uma brisa liberal varreu o cone sul, uma vez que Paraguai e Uruguai já estavam nessa mesma página. Seja como for, cresce o convencimento entre os atores já referidos de que precisam sair do discurso solidário para caminhar concretamente rumo a acordos ambiciosos com grandes mercados importadores. E a ideia de país protecionista fechado vai ficando para trás. Apesar de alguns setores específicos defenderem uma espécie de "reserva de mercado" via medidas protecionistas, a maioria do empresariado regional já entendeu que a abertura mais ampla acaba beneficiando todo mundo.

O Acordo Transpacífico não deixou de ser uma provocação para o Mercosul. Ficar de fora desse poderoso bloco foi negativo e mostrou a lentidão de nossos negociadores internacionais. Agora o próprio Itamaraty, reforçado com a "aquisição" da Apex, se transforma em agente catalizador de alianças, retomando as negociações com a União Europeia. O Ministro da Agricultura brasileiro, por sua vez, convencido da necessidade de abertura de novos mercados, especialmente asiáticos, comandou uma recente viagem de técnicos e empresários a vários países daquela região em busca de parcerias.

Do ponto de vista do agronegócio regional, tal atitude é essencial, por razões óbvias: somos a única área continental do planeta capaz de responder com rapidez à crescente demanda global por alimentos, energia e fibras. Temos terra, tecnologia e gente capaz em todas as cadeias produtivas. Mas ainda precisamos afinar melhor nossas práticas internas. Ainda existem desconfianças regionais entre os países, por velhas mazelas que não mudam. Entre elas, a incrível dificuldade do açúcar brasileiro acessar o mercado portenho, tema que se arrasta há décadas.

O certo é que não dá mais para competir entre nós para chegar a mercados compradores, e o exemplo da soja é gritante: juntos, os países do Mercosul produzem mais da metade da soja mundial e ficam brigando por acessos especiais.

Em recente evento do LIDE em Buenos Aires, até o tango foi usado para provocar os agentes privados e representantes de governos da Argentina e do Brasil. No início do evento foi lembrado o tango "Cuesta Abajo", de Gardel e Lepera, como desafio às lideranças atuais: "*Si arrastré por este mundo la vergüenza de haver sido y el dolor de ya no ser...*" A interpretação desta letra é clara: quem tem responsabilidades públicas ou privadas tem que tomar agora decisões que orientem o futuro da região no cenário global. Porque, se isso não for feito, haverão de chorar naquele futuro, quando não mais terão essas responsabilidades e, portanto, nada mais poderão fazer.

E também foi dito que, se tivéssemos um trio de negociadores como a poderosa e trinacional linha atacante do Barcelona, com Messi, Neymar e Suarez, ninguém seguraria o agro do Mercosul. Seria um gol atrás do outro, e seríamos mesmo os campeões mundiais da alimentação.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**